



**Profa. Maria Regina Sargiolato Santarosa**  
e-mail: [msantaro@fundacaoromi.org.br](mailto:msantaro@fundacaoromi.org.br)

# **Não Tropece na Pontuação!**

Oficina 11 a ser realizada no dia 12/07/2006 sobre a importância da Linguagem, valorizando o uso dos Sinais de Pontuação.

**Núcleo de Educação Integrada – NEI**  
**Julho/2006**

## INTRODUÇÃO

Os objetivos deste trabalho são: valorizar a linguagem diferenciando a forma escrita da forma oral, utilizando o texto de Luís Fernando Veríssimo, “Tipo Assim...”, sobre “vícios/cacoetes” como exemplo; realizar um plano de aula para a disciplina Língua Portuguesa, a partir do assunto Pontuação, revelando a importância do uso dos sinais para a imediata compreensão dos textos. Seguem metodologia a ser usada, os critérios de avaliação do conteúdo desenvolvido, quais as estratégias que serão utilizadas em sala, com alunos da 5ª. série do Ensino Fundamental, a fim de auxiliar professores preocupados com a escrita de seus alunos.

Segundo o livro “Pontuação na Escrita”, do professor João Henrique, a palavra “Pontuação” provém do baixo latim “*Punctuare*”, verbo originário do vocábulo “*Punctum*”, que significa pequeno buraco feito com o ponteiro. Relaciona-se com a ponta do estilete que servia para abrir as letras nas tábuas de cera. “Foi no princípio do século X que se deu o nome latino aos sinais de pontuação. Assim, ao sinal que indicava uma pequena pausa e que em grego se chamava “koma” (tronco), deu-se o nome latino de “*incisum*” (que corta ou separa palavras). O nome “coma” ainda se mantém na língua espanhola. Na nossa língua e noutras passou a chamar-se vírgula, palavra latina que significa “pequena vara”, porque a vírgula entre as palavras é como uma varinha que as separa”, elucida o professor.

## Planejando uma aula

1. **Turma:** 5<sup>a</sup>. série do Ensino Fundamental

2. **Matéria/Tópico:** Pontuação

### 3. Objetivos Gerais

Proporcionar aos alunos a oportunidade de perceber que a linguagem verbal não é constituída apenas de palavras. Na fala, há outros elementos que participam da interação verbal e tornam mais preciso o sentido do que se fala. É o caso, por exemplo, da entonação, dos gestos, da expressão facial, da ênfase sobre algumas palavras, ritmo da fala, etc. Como transpor todos esses recursos para a linguagem escrita? A pontuação, até certo ponto, cumpre esse papel, tornando mais claro e preciso o sentido dos textos, já que uma de suas funções mais importante é tornar as orações e os períodos mais fáceis de ler. Toda frase mais ou menos longa deve merecer leitura atenta e repetida, para que a pontuação seja usada de modo correto.

- São estes os mais importantes sinais de pontuação: **o ponto; a vírgula, o ponto-e-vírgula, os dois pontos, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, os parênteses, as aspas, o travessão e as reticências.**

### 4. Objetivos Específicos

- Ensinar as regras de Pontuação;
- Fazer um treinamento de pontuação a partir de textos que permitam a pluralidade cultural, uma vez que apresentam o cotidiano de meninos com realidade bem diferente da vivida pela turma;
- Valorizar os sinais de pontuação, revelando a importância de cada um deles, a partir da leitura dos textos “O Testamento” e outros;
- Poderá ocorrer um debate após as atividades.

### 5. Metodologia/Desenvolvimento

- Para que esta atividade aconteça serão necessários uma cópia do texto “Meninos como eu” para cada grupo; escrito de forma clara, mas sem qualquer pontuação; a confecção de um diagrama de pontos, feito um jogo de amarelinha que poderá ser riscado no chão com giz ou desenhado em papel cartão, com uma linha distante cerca de 2m do diagrama, para ser a “plataforma de lançamento”, bem como providenciar uma pedra para ser lançada no quadro que ficará no chão.

## 6. Estratégias/Preparação da Atividade

- Dividir a classe em grupos de quatro a seis alunos;
- Entregar uma cópia do texto a cada grupo;
- Pedir para cada grupo ler o texto e se colocar em fila atrás da plataforma de lançamento.

## 7. Desenvolvimento/Duração

- Um representante de cada grupo deverá jogar no quadro de pontuação da plataforma de lançamento, que poderá mirar na pontuação que desejar. Uma vez lançado, terá “comprado” esta pontuação e poderá usá-la no texto. A pontuação, em caneta vermelha, será feita após discussão com o grupo sobre qual a colocação correta.
- Faz-se um número de rodadas igual ao número de alunos de cada time. Se houver interesse e tempo suficiente, jogam-se as vezes necessárias para acabar com todas as pontuações.
- No término, faz-se a leitura do texto, explicando-se cada pontuação para que os próprios alunos façam a correção.
- As atividades deverão ocorrer, no mínimo, em três aulas.

## 8. Avaliação

- Dá-se um ponto a cada pontuação correta.
- Vence o grupo que tiver somado mais pontos.
- O professor deve valorizar a atividade atribuindo, se for preciso, uma nota conforme lhe convier. Sugestão: os alunos que pertencem ao grupo vencedor receberão um ponto na média do bimestre e os demais, meio.
- Questões interpretativas a partir da leitura do texto “**Ai, Gramática, ai, vida**”.

## 9. Regras

- A pedra arremessada somente “comprará” a pontuação se cair no interior do retângulo correspondente.
- Caindo nas riscas, estará “queimada” a jogada.
- Se o arremesso atingiu um ponto que não serve ou que já foi colocado no texto, ele deverá ser descartado.

## 10. Modelo do diagrama de pontos

,	:	;	,	...
!	.	,	?	.
:	?	;	...	!

Obs: Cada quadrado deverá ter aproximadamente 50cm de lado

## 11. Textos a serem utilizados pelos grupos durante o jogo

- a. Chuan vive na Tailândia num templo chamado Haripunchai Está estudando para ser monge budista Ele não precisa ficar sempre no templo desde que esteja presente às orações refeições e aulas pode sair quando quiser
- b. Leiching vive em Xangai na China Sua família come muito arroz peixe e legumes Sua comida preferida é sopa de barbatanas de tubarão
- c. Nassir mora na Tanzânia África Ela usa muitos colares de contas coloridas no pescoço Sua obrigação é ir buscar água para a família todo dia e pra isso ela precisa andar 6km Será que ela fica cansada
- d. Gerardo vive numa vila às margens do lago Titicaca na Bolívia América do Sul Ele ajuda sua mãe a plantar colher e a cuidar de animais E o que mais gosta de fazer é assistir a jogos de futebol na TV
- e. Paulo Roberto mudou-se para a cidade de Florianópolis no estado de Santa Catarina recentemente mas nasceu em Campinas interior paulista Sua família está adorando o clima de lá porem Paulinho sente falta dos amigos da escola
- f. Kristien é canadense por isso fala dois idiomas inglês e francês Como seu pai é alemão resolveu aprender o idioma paterno Sabe em qual cidade ela mora Toronto

## 11. Textos a serem utilizados pelos grupos durante o jogo

a.Chuan vive na Tailândia, num templo chamado Haripunchai. Está estudando para ser monge budista. Ele não precisa ficar sempre no templo, desde que esteja presente às orações, refeições e aulas, pode sair quando quiser.

b.Leiching vive em Xangai, na China. Sua família come muito arroz, peixe e legumes. Sua comida preferida é sopa de barbatanas de tubarão.

c.Nassir mora na Tanzânia, África. Ela usa muitos colares de contas coloridas no pescoço. Sua obrigação é ir buscar água para a família todo dia e, pra isso, ela precisa andar 6km. Será que ela fica cansada?

d.Gerardo vive numa vila, às margens do lago Titicaca, na Bolívia, América do Sul. Ele ajuda sua mãe a plantar, colher e a cuidar de animais. O que mais gosta de fazer é assistir a jogos de futebol na TV.

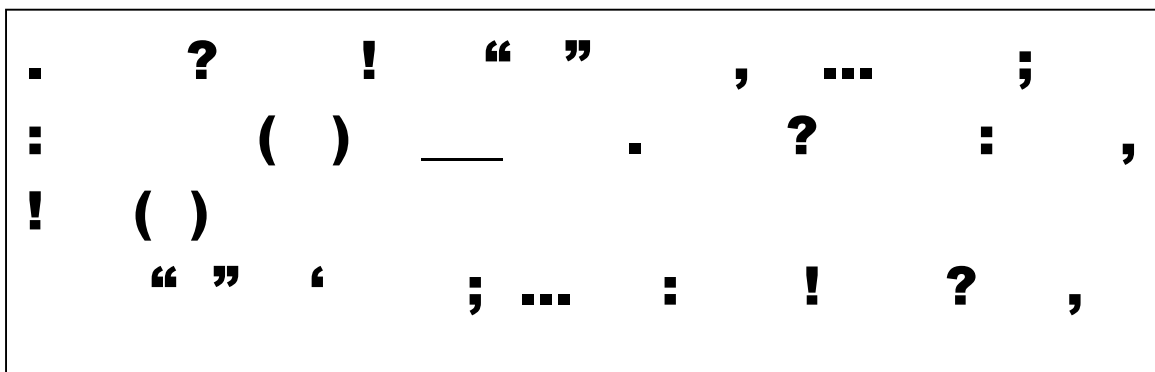
e.Paulo Roberto mudou-se para a cidade de Florianópolis, no estado de Santa Catarina, recentemente, mas nasceu em Campinas, no interior paulista. Sua família está adorando o clima de lá, porém Paulinho sente falta dos amigos da escola.

f.Kristien é canadense, por isso fala dois idiomas: inglês e francês. Como seu pai é alemão, resolveu aprender o idioma paterno. Sabe em qual cidade ela mora? Toronto. Claro!

## 12. Textos a serem utilizados depois das explicações sobre o uso correto dos sinais de pontuação.

### Texto 1.

#### Como surgiram os principais sinais de pontuação?



Surgiram no início do Império Bizantino (330 a 1453). Mas sua função era diferente das atuais. O que hoje é o ponto final servia para separar uma palavra da outra. Os espaços brancos entre palavras só apareceram no século VII, na Europa. Foi quando o ponto passou a finalizar a frase. O ponto de interrogação é uma invenção italiana, do século XIV. O de exclamação surgiu no século XIV. Os gráficos italianos também inventaram a vírgula e o ponto-e-vírgula no século XV (este último era usado pelos antigos gregos, muito antes disso, como sinal de interrogação). Os dois pontos surgiram no século XVI. O mais tardio foi a aspa, que surgiu no século XVII.

(Superinteressante, junho 1997.)

**A pontuação pode interferir na vida das pessoas. Leia o texto que segue e veja como cada pessoa pode usar a pontuação de acordo com a sua conveniência.**

## **Texto 2**

### **Ai ,Gramática, Ai, Vida**

(...)

Ora, dirão os professores, vida é gramática. De acordo. Vou até mais longe: vida é pontuação. A vida de uma pessoa é balizada por sinais ortográficos,. Podemos acompanhar a vida de uma criatura, do nascimento ao túmulo, marcando as diferentes etapas por sinais de pontuação.

Querem ver? Olhem a biografia.

#### **INFÂNCIA: UMA PERMANENTE EXCLAMAÇÃO**

Nasceu! É um menino! Que grande! E como chora! Claro, quem não chora não mama! Me dá! É meu!

Ovo! Uva! Ivo viu o ovo! Ivo viu a uva! O ovo viu a uva!

(...)

#### **A PUBERDADE; A TRAVESSIA (OU O TRAVESSÃO)**

(...)

\_ O que eu acho, Jorge \_ não sei se tu também achas \_ o que eu acho \_ porque a gente sempre acha muitas coisas \_ o que eu acho \_ não sei \_ tu és irmão dela \_ mas o que estive pensando \_ pode ser bobagem \_ mas será que não é de a gente falar \_ não, de eu falar com a Alice \_  
\_ Alice tu sabes \_ tu me conheces \_ a gente se dá \_ a gente conversa \_ tudo isto Alice \_ tanto tempo \_ eu queria te dizer Alice \_ é difícil \_ a gente \_ eu não sei falar direito.

#### **JUVENTUDE – A INTERROGAÇÃO**

Mas quem é que eu sou afinal? E o que é que eu quero? E o que é que vai ser de mim? E Deus, existe? E Deus cuida da gente? E o anjo da guarda, existe? E o diabo? E por que é que a gente se sente tão mal?

(...)

mas por que é que tem pobres e ricos? Por que é que uns têm tudo e outros não têm nada? Por que é que uns têm auto e outros andam a pé? Por que é que uns vão viajar e outros ficam trabalhando?

## AS PAUSAS RECEOSAS (RECEOSAS, VÍRGULA, CAUTELOSAS) DO JOVEM ADULTO

Estamos, meus colegas, todos nós, hoje, aqui, nesta festa de formatura, nesta festa, que, meus colegas, é não só nossa, colegas, mas também, colegas, de nossos pais, de nossos irmãos, de nossas noivas, enfim. De todos quantos, nas jornadas, penosas, embora, mas confiantes sempre, nos acompanharam, estamos, colegas, cômicos de nosso dever, para com a família, para com a comunidade, para com esta Faculdade, tão jovem, tão batalhadora, mas ao mesmo tempo tão, colegas, tão.

(...)

## O HOMEM MADURO. NO PONTO

Uma cambada de ladrões. Tem de matar.

Matar. Pena de morte.

O Jorge também. Cunhado também. Tem de matar. Esquadrão da morte. E ponto final.

No meu filho mando eu. E filho meu estuda o que eu quero. Sai com quem eu quero. Lê o que eu quero. Frequenta os clubes que eu mando.

Tu ouviste bem, Alice. Não quero discutir mais este assunto. E ponto final.

(...)

## (UM PARÊNTESE)

(Está bem, Luana, eu pago, só não faz escândalo)

## O FINAL ... RETICENTE ...

Sim, o tempo passou... E eu estou feliz... Foi uma vida bem vivida, esta...

Aprendi tanta coisa...

Mas das coisas que aprendi... A que mais me dá alegria... É que hoje eu sei tudo... Sobre pontuação.

(Moacyr Scliar. *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar e outras crônicas*. Porto Alegre. 1995. p.88-91.)

### Texto 3 - Conto de João Anzanello Carrascoza



Os sinais de pontuação estavam quietos dentro do livro de Português quando estourou a discussão.

— Esta história já começou com um erro — disse a Vírgula.

— Ora, por quê? — perguntou o Ponto de Interrogação.

— Deveriam me colocar antes da palavra "quando" — respondeu a Vírgula.

— Concordo! — disse o Ponto de Exclamação. — O certo seria:

"Os sinais de pontuação estavam quietos dentro do livro de Português, quando estourou a discussão".

— Viram como eu sou importante? — disse a Vírgula.

— E eu também — comentou o Travessão. — Eu logo apareci para o leitor saber que você estava falando.

— E nós? — protestaram as Aspas. — Somos tão importantes quanto vocês. Tanto que, para chamar a atenção, já nos puseram duas vezes neste diálogo.

— O mesmo digo eu — comentou o Dois Pontos. — Apareço sempre antes das Aspas e do Travessão.

— Estamos todos a serviço da boa escrita! — disse o Ponto de Exclamação. — Nossa missão é dar clareza aos textos. Se não nos colocarem corretamente, vira uma confusão como agora!

— Às vezes podemos alterar todo o sentido de uma frase — disseram as Reticências. — Ou dar margem para outras interpretações...

— É verdade — disse o Ponto. — Uma pontuação errada muda tudo.

— Se eu aparecer depois da frase "a guerra começou" — disse o Ponto de Interrogação — é apenas uma pergunta, certo?

— Mas se eu aparecer no seu lugar — disse o Ponto de Exclamação — é uma certeza: "A guerra começou!"

— Olha nós aí de novo — disseram as Aspas.

— Pois eu estou presente desde o comecinho — disse o Travessão.

— Tem hora em que, para evitar conflitos, não basta um Ponto, nem uma Vírgula, é preciso os dois — disse o Ponto e Vírgula. — E aí entro eu.

— O melhor mesmo é nos chamarem para trazer paz — disse a Vírgula.

— Então, que nos usem direito! — disse o Ponto Final. E pôs fim à discussão.

## Texto 4

### O TESTAMENTO

Um homem rico, sentindo-se morrer, pediu papel e caneta e escreveu assim:

*"Deixo os meus bens à minha irmã  
não ao meu sobrinho jamais será paga  
a conta do alfaiate nada aos pobres"*

Não teve tempo de pontuar e morreu. A quem deixava ele a riqueza?

Eram quatro os concorrentes. Chegou o sobrinho e fez estas pontuações numa cópia do bilhete:

*"Deixo os meus bens à minha irmã?  
Não. Ao meu sobrinho. Jamais será  
paga a conta do alfaiate. Nada aos  
pobres".*

A irmã do morto chegou em seguida, com outra cópia do escrito, e pontuou deste modo:

*"Deixo os meus bens à minha irmã.  
Não ao meu sobrinho. Jamais será  
paga a conta do alfaiate. Nada aos  
pobres".*

Surgiu o alfaiate que, pedindo a cópia do original, fez estas pontuações:

*"Deixo os meus bens à minha irmã?  
Não! Ao meu sobrinho? Jamais! Será  
paga a conta do alfaiate. Nada aos  
pobres".*

O juiz estudava o caso, quando chegaram os pobres da cidade; e um deles, mais sabido, tomando outra cópia, pontuou-a assim:

*"Deixo os meus bens à minha irmã?  
Não. Ao meu sobrinho? Jamais. Será  
paga a conta do alfaiate? Nada. Aos  
pobres".*

(Adaptado de: Amaro Ventura e Roberto Augusto Soares Leite.  
Comunicação/Expressão em língua nacional. 5a. série. São Paulo.  
Nacional, 1973, p.84.)

Como você pode observar, dependendo dos sinais de pontuação utilizados, o texto é capaz de admitir quatro interpretações diferentes. A leitura do texto mostra, portanto, o valor da pontuação. Para que nossa mensagem seja clara, correta e possa ser entendida por todos, tal qual a imaginamos, precisamos empregar, corretamente, os sinais de pontuação.

Os sinais de pontuação são sinais gráficos empregados na língua escrita para tentar reconstituir determinados recursos utilizados na língua falada. Estes sinais destinam-se a marcar pausa, melodia e entonação.

Podem ser classificados em dois grupos:

**1) para marcar pausas:**

a vírgula ( , )

o ponto ( . )

o ponto –e- vírgula ( ; )

**2) para marcar melodia e entonação:**

os dois-pontos ( : )

o ponto-de-interrogação ( ? )

o ponto-de-exclamação ( ! )

as reticências ( ... )

as aspas ( " " )

os parênteses ( ( ) )

os colchetes ( [ ] )

o travessão ( - )

## Diferentes opiniões sobre Pontuação

A opinião de alguns profissionais diferem quando o assunto é Pontuação. A poetisa Vanúzia Leite Lopes escreveu um livro sem utilizar os sinais de pontuação, ou melhor, usou somente as reticências. O livro chama-se “Nem Ponto Nem Vírgula”.

Já no livro “Tudo Sobre a Vírgula”, de J. Ferraz Freitas, existem casos curiosos sobre o uso indevido da pontuação.

O escritor José Saramago constantemente é acusado de boicotar os sinais em seus textos. Mário Prata, jornalista e escritor diz que “A vírgula é a respiração do escritor...”.

Abaixo seguem dois artigos sobre o assunto.

### Uma vida sem pontuação

(Eder Parladore )

Você já pensou como seria sua vida sem .,!? Esse desafio está sendo lançado pela poetisa e estilista Vanúzia Leite Lopes, de São Paulo, que acaba de escrever um livro sem nenhuma pontuação.

Polêmica, a autora é mais conhecida por suas criações lúdicas, como as “roupas para computador”, lançadas com sucesso durante a Feira de Utilidades Domésticas (UD), no início do ano.

Agora, Vanúzia resolveu polemizar o uso dos sinais de pontuação na língua portuguesa. Depois de amanhã, ela lança a coletânea de poesias “Nem Ponto Nem Vírgula”, com 220 páginas escritas sem ponto, sem vírgula, sem exclamação e sem interrogação.

Escrito em estilo concretista, do prefácio à biografia, o livro também apresenta pareceres de profissionais favoráveis à nova metodologia. A idéia está registrada na Biblioteca Nacional como tese e, para defendê-la, Vanúzia criou dois sites: [www.nempontonemvirgula.com.br](http://www.nempontonemvirgula.com.br), que já conta com mais de 5 mil assinaturas a favor de seu novo método, e [www.professoravirtual.com.br](http://www.professoravirtual.com.br), ainda em construção, no qual vai ensinar interessados a utilizar sua técnica.

Segundo Vanúzia, a atual “era digital” requer mudanças em todos os âmbitos, inclusive na escrita. “Provo que é possível escrever sem pontuação e não prejudicar o entendimento do texto. Não é necessário tanto rigor nas regras de pontuação”, opina. No livro, a única pontuação utilizada são os ... (três pontinhos). “Deixei os três pontinhos porque respeito a imaginação e a conclusão do leitor. Mas, nos próximos livros, vou suprimir os três pontinhos para provar que é possível escrever sem pontuação alguma”, antecipa.

Vanúzia acredita que a pontuação pode se tornar um entrave para a vida das pessoas. “Todos sabemos que uma vírgula pode modificar o

sentido de uma frase. Imagine quantos bons profissionais não conseguem passar no vestibular porque colocam uma vírgula no lugar errado nas provas de redação. Há profissões, como as de médico e dentista, que não exigem conhecimento tão específico em português. E dá perfeitamente para viver sem saber pontuação”, comenta.

A poetisa lembra que ela mesma foi vítima de uma vírgula mal empregada. “Aos 15 anos, recebi um bilhete de um rapaz e entendi que ele me amava perdidamente. Fiquei anos achando que ele era apaixonado por mim. Uma vírgula no lugar errado mudou totalmente o sentido da frase”, conta.

O lugar da vírgula na frase já funcionou como verdadeiro árbitro entre a vida e a morte. No livro “Tudo Sobre a Vírgula”, de J. Ferraz Freitas, há casos curiosos. Consta que um oficial fora condenado, e seu pedido de perdão recebeu a seguinte sentença do rei: “perdoar impossível, mandar para a forca”. Condoída da sorte do moço, a rainha salvou-o com uma simples mudança de vírgula: “perdoar, impossível mandar para a forca”.

Noutro exemplo, certo governante, comunicando a revolta da cidade ao seu superior, perguntou-lhe: “devo fazer fogo ou poupar a cidade?”. A resposta foi: “fogo não, poupe a cidade”. No entanto, o telégrafo trocara a vírgula e o telegrama de resposta dizia: “fogo, não poupe a cidade”. E essa sofreu disparos ruidosos de artilharia mortífera.

É para evitar equívocos assim, de acordo com Vanúzia, que ela teve a idéia de escrever o livro. “Nos sites, dou um prêmio para quem explicar direitinho quem inventou esse monte de regras que muda a vida de tanta gente”, desafia. No prefácio da coletânea, a escritora e terapeuta Edinilsa Saraiva de Oliveira, pós-graduada em Letras, chega até a “romancear” o vínculo dos homens com a pontuação. “Vivemos presos a estes pontos gráficos... Interrogações??? Vivemos sempre encarcerados... detidos entre as vírgulas,, As vírgulas usadas como justificativas... Quanto tempo ficamos cativos das pontuações... prisioneiros...Tolhidos por sinais !!!???,,,;”, escreve.

Aos que não consideram novidade escrever poesias sem pontuação (estilo realmente já adotado por outros escritores), Vanúzia garante que está se dedicando atualmente a retirar as vírgulas e pontos de textos de defesas de um advogado, amigo seu. “No ano que vem, vou lançar livros de prosa sem pontuação. Este primeiro é apenas o começo”, ressalta.

O lançamento do livro “Nem Ponto Nem Vírgula” será no prédio das grifes Sopro Divino e 100 Dono, ambos de propriedade de Vanúzia, localizado na rua Amazonas, 64, no bairro do Bom Retiro, em São Paulo. Os direitos autorais e a renda líquida da venda serão destinados ao Centro de Convivência Infantil Filhos de Oxum, de Taboão da Serra, que atende crianças com HIV positivo e aids, desde 1986.

Vanúzia já contribui com a entidade há três anos. Com o objetivo de conseguir mais verba para o centro, a escritora ainda criou camisetas com mensagens a favor da abolição da pontuação na língua portuguesa, que também estarão à venda no local.

### **Para professores, pontuação é imprescindível**

Apesar da boa intenção da poetisa paulistana Vanúzia Leite Lopes em abolir a pontuação da língua portuguesa para tentar facilitar a vida das pessoas, a idéia não foi aprovada pelos professores Hélio Consolaro, Cidinha Baracat e José Luiz Fiorim, entrevistados pela reportagem da Folha da Região.

Para os três professores, a pontuação é imprescindível à língua escrita, pois substitui recursos da linguagem oral, como pausa, melodia, entonação e, até mesmo, silêncio. “A tendência de abolir a pontuação da escrita não é nova. No Brasil, depois da Semana de Arte Moderna, vários escritores adotaram um estilo sem pontuação, como Oswald e Mário de Andrade. E como qualquer tendência, essa também tende a passar”, afirma Cidinha Baracat, que há 20 anos mantém um centro de ensino de língua portuguesa em Araçatuba. Cidinha considera possível apenas não utilizar pontuação como estilo literário. “José Saramago, por exemplo, quase não usa pontuação, porém é uma característica do seu estilo. A linguagem escrita, no entanto, deve ser muito clara, porque o leitor pode entender algo completamente oposto ao que o autor desejou dizer”, lembra.

Ela argumenta que um leitor experiente até consegue entender um texto sem pontuação, mas crianças e leitores menos preparados, com certeza, são prejudicados. “Um aluno pode chegar a demorar o dobro do tempo para entender um texto despontuado”, analisa.

Quanto à influência da linguagem “internética” (que utiliza poucos sinais de pontuação) na norma culta da língua, argumento apresentado por Vanúzia, Cidinha afirma se tratar de uma hipótese remota. “As mudanças sociais interferem de maneira lenta na língua e nunca promovem a desintegração da unidade lingüística”, explica a professora. Hélio Consolaro, professor universitário e cronista desta Folha, concorda com Cidinha. Ele considera possível apenas abolir a pontuação em poesias e nos chats. “O verso tem um ritmo próprio, que pode suprimir a pontuação, mas o parágrafo, não. Não é possível escrever teses e textos discursivos sem pontuação”, afirma. “Uma coisa é o estilo; outra é a norma lingüística”, complementa. Para José Luiz Fiorim, professor de Lingüística da USP (Universidade de São Paulo), Vanúzia está completamente equivocada. “A pontuação foi uma conquista para facilitar a leitura, não para complicá-la”, conceitua. “Essa poetisa deve estudar um pouco mais sobre a história da ortografia”, aconselha Fiorim ressaltando que um texto sem pontuação pode ser comparado a uma fala sem entonação ou pausa. “A falta de pontuação

prejudica bastante a interpretação”, diz. “Escritores como Saramago escrevem sem pontuação para imitar o fluxo da consciência. Agora, você consegue imaginar um jornal inteiro sem pontuação?”, questiona.

O escritor e jornalista Mário Prata respondeu muito bem a essa indagação em uma de suas crônicas, particularmente o que diz respeito ao emprego da vírgula. “A vírgula é a respiração do escritor e, conseqüentemente, do leitor. Imagine se esse conseqüentemente não estivesse entre duas firmes vírgulas.

Um texto sem vírgula pode matar pessoas de sufoco, de falta de ar. Sempre que escrevo, penso na sua respiração. Na sua, que está me lendo e quase ouvindo. Percebeu como você está lendo, tranqüilamente?”, escreveu. (Publicada na Folha da Região - Araçatuba, 17/12/2000)

### **PONTUAÇÃO: OPERADOR DA TEXTUALIDADE**

*Tania Maria Nunes de Lima Camara (UNISUAM)*

Os sinais de pontuação datam de época relativamente recente na história da língua escrita. No sistema hoje empregado, é possível observar, porém, a permanência de alguns sinais usados desde os gregos, os latinos e a Alta Idade Média.

Segundo Houaiss, a história da pontuação revela, no mundo ocidental, como uma lenta conquista. A tradução medieval legou-nos o sistema iniciado pelos alexandrinos, enquanto o Renascimento limitou-se a herdar, em linhas essenciais, os principais signos de pontuação modernos, empregando-os num sentido progressivamente lógico-gramatical, enquanto antes se fazia preferentemente subordinado ao perfil melódico da cadeia falada e às pausas respiratórias mais nítidas.

Essas observações de Houaiss, ao lado de considerações de antigos gramáticos, deixam evidente que o emprego dos sinais de pontuação não obedecia, na sua origem, ao padrão hoje estabelecido - o lógico-gramatical. Razões de ordem melódica, prosódicas determinavam o uso desses sinais; assim, a produção do sentido fazia-se a partir de uma base ritmo-semântica, que foi, ao longo do tempo, sendo desconsiderada.

A lógica do pensamento, orientada por um raciocínio eminentemente matemático, mudou os princípios sobre os quais se deveria pautar a pontuação. A partir daí, a estruturação lógica passou a ser considerada como a base de uso da pontuação, deixando de levar em conta as questões relativas a ritmo, à lógica aparentemente desorganizada do pensamento em si.

O “Auto das Barcas”, de Gil Vicente, foi uma das vítimas dessa mudança de foco, uma vez que Luís Vicente, filho do escritor, passou a “corrigir” os textos do pai. A conseqüência desse procedimento foi a

marcação melódica e entonacional foi devidamente substituída pelo padrão lógico-gramatical; ou seja, criou-se um novo texto.

Afastada qualquer possibilidade de Gil Vicente haver errado na pontuação de seu texto, a dificuldade de Luís Vicente na leitura dos textos do pai certamente decorreu do desconhecimento dessa outra maneira de organizar e separar as idéias no texto escrito. É, pois, absurdo imaginar que os “desvios” percebidos em alguns textos antigos sejam decorrentes da falta de preocupação dos escritores com os sinais de pontuação. Na verdade, o que se tem é que a escrita pautava-se em princípios diferentes daqueles de hoje, deixando distante qualquer idéia de considerar tais textos ininteligíveis.

Se tomarmos José Saramago, por exemplo, nele encontramos muitas semelhanças de seus textos e com os antigos, especialmente pela disposição em blocos e pela ausência dos sinais de pontuação. Será que Saramago também não se preocupa com tais questões de ordem formal? Certamente que não.

Considerado signo, a relação significante-significado mostra-se presente nos textos em geral, ligada à produção de sentido.

Desse modo, pontuar, na língua escrita, é mais do que empregar sinais gráficos obedecendo a um critério estritamente lógico-gramatical, como atestam renomados gramáticos e estudiosos da língua portuguesa. Restringir a pontuação à sintaxe é limitar-lhe o emprego; é desconsiderar o seu importante papel como operador de textualidade.

Especialmente no texto literário, no qual a questão estética, a expressividade surgem como elementos ligados ao sentido, outros aspectos necessitam ser considerados. A entonação, o ritmo da fala, por exemplo, devem, pois, ser também considerados; caso contrário, corre-se o risco de não se atingir um nível pleno na leitura. De acordo com Mattoso Camara Júnior, o sistema de pontuação “desenvolveu-se de maneira cabal e coerente no uso literário das línguas ocidentais modernas.

Especialmente nos textos de autores desconstrutores, nomenclatura utilizada pelo professor Azeredo para caracterizar os textos que rompem com o padrão estabelecido, a subversão no emprego dos sinais não se mostra, certamente, como desobediência gratuita; antes, é forte instrumento de enunciação, que necessariamente não vai se pautar unicamente nas questões sintáticas.

Assim, colocados na condição de signos lingüísticos, o papel dos sinais gráficos amplia-se, passando a ser vistos como significantes capazes de evocar significados, não só aqueles que o autor intenta, como também os construídos pelo leitor, em seu processo de interação.

Segundo Coseriu, se há no discurso literário um desvio proposital da norma, seu efeito é essencial à tessitura da obra. Portanto, vírgulas, reticências, dois-pontos, pontos de exclamação, entre outros sinais,

obedecendo, ou não, aos padrões sintáticos habituais, são extremamente relevantes e, por isso, devem ser olhados com cuidado, especialmente pelo professor na sala de aula, já que um dos propósitos do ensino da língua portuguesa, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, deve ser o desenvolvimento da sensibilidade, levando o aluno a ser capaz de perceber e utilizar, quando necessário, os recursos que potencializam a expressão lingüística. Assim sendo, qualquer estreitamento de visão poderá comprometer esse objetivo maior.

Se, muitas vezes, é possível perceber o pouco espaço que a seleção de vocabulário, a predominância de uma dada classe de palavra, a estruturação e extensão dos períodos, ou seja, a língua portuguesa em si, como expressão, ocupa quando do trabalho do professor com o texto literário, mais, ou totalmente, envolvido com a relação do texto com uma determinada escola literária, muito evidente é a ausência do assunto Pontuação nesse mesmo momento. Aliás, observar a pontuação de um dado texto quase nunca figura como propósito de algum momento da aula.

Trabalhando o texto literário na sala de aula, percebe-se que o aluno, de modo geral, envolve-se diretamente com aspectos relativos ao que comumente se chama “interpretação do texto”, na medida em que se prende diretamente ao conteúdo. Somente quando habilmente conduzido, é capaz de destacar algum fato gramatical e relacioná-lo ao sentido.

A pontuação do texto quase nunca é indicada como relevante. Tal procedimento certamente é reflexo do descuido com que é tratado o uso dos sinais gráficos.

Minha condição de professora de ensino médio faz meu olhar mais cuidadoso em relação a esse aspecto. A pontuação deve ocupar lugar de destaque igual àquele dado a outras questões lingüísticas; o aluno deve ser capaz de perceber a pontuação como um dos fatores relevantes da textualidade, em qualquer gênero textual, literário ou não, buscando explicar-lhe o emprego.

Segundo Cardoso (2003), existe uma estreita relação entre a trama textual e o emprego de sinais gráficos; ou seja, “a pontuação é o indicador de superfície do grau de distância ou de ligação entre os constituintes da representação mental subjacente ao texto”.

Ao lado de ser ferramenta de ordem essencialmente textual, mostra-se como um componente necessário para a produção de sentido, especialmente no texto literário, qualquer que seja a base estabelecida pelo escritor: sintático-semântica ou rítmico-semântica .

A abertura para outros padrões de uso, ao lado das marcas históricas já consideradas, justifica-se pelo fato de imaginar o ato criador submetido a uma camisa-de-força gramatical, entendido como único procedimento possível, seria fechá-lo, cristalizá-lo de tal modo, que o criador passaria o mero repetidor.

Ampliar, pois, o ângulo de visão no tocante ao emprego dos sinais gráficos é vital para que o aluno, especialmente no ensino médio, quando estabelece contatos mais sistemáticos com o texto literário, perceba de maneira plena os recursos que a língua portuguesa oferece, na condição de matéria-prima para a materialização das potencialidades lingüísticas.

Alguns exemplos do que está sendo aqui considerado podem ser apresentados nos textos a seguir.

### *Cidadezinha Qualquer*

Casas entre bananeiras  
mulheres entre laranjeiras  
pomar amor cantar

Um homem vai devagar.

Um cachorro vai devagar.  
Um burro vai devagar.

Devagar ... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus

Em “Cidadezinha Qualquer”, Carlos Drummond de Andrade, mesmo não sendo considerado um escritor que tenha na ruptura com o padrão estabelecido sua marca maior, utiliza a pontuação com finalidade expressiva.

Na primeira estrofe, há um único sinal de pontuação: o ponto final, no fim da estrofe. Os sintagmas “casas entre bananeiras”, “mulheres entre laranjeiras”, “pomar”, “amor” e “cantar”, que, segundo a gramática, deveriam estar separados por vírgula, pelo fato de serem elementos de uma enumeração, dado o efeito pretendido por meio da organização descritiva da referida estrofe, tal uso não se verifica. Essa “desobediência” gramatical deve certamente estar relacionada a uma questão de conteúdo, e efetivamente está: a apresentação da cena como um todo; um retrato em que os elementos estão proximamente dispostos, constituindo uma unidade de forma e de sentido.

Na segunda estrofe, cada um dos três períodos, que constituem os versos, apresenta um ponto final. Tal procedimento remete ao fato de cada cena ocorrer a seu tempo, em separado, o que leva à associação com o ritmo lento da vida da cidade.

Na última, o conteúdo semântico do sintagma “devagar” amplia-se com uso de reticências logo a seguir. O olhar das janelas é, dessa maneira, mais vagaroso do que a caminhada do homem, do cachorro ou do burro.

Portanto, a pontuação não se mostra relevante unicamente quando se apresenta como ruptura do modelo lógico-gramatical. Afinal, a construção sintática não está destituída de sentido e, por isso, também deve ser considerada.

José Saramago, escritor anteriormente citado, também surpreende o leitor quanto ao emprego dos sinais gráficos.

O fragmento apresentado estabelece ruptura em relação ao padrão instituído. De um lado, a construção em bloco, tal como foi anteriormente citada, assemelhando-se à forma dos textos medievais; de outro, o uso especialmente “escasso” do ponto final. O texto não separa os períodos da maneira como normalmente se observa, mesmo quando o autor faz uso de períodos longos, com muitas orações subordinadas. Aqui, é possível perceber que os recortes feitos pelos pontos finais remetem à organização de blocos de sentido, envolvendo orações relacionadas por um conteúdo comum. É como se o final de cada período só pudesse ser estabelecido a partir do conjunto de orações que o forma.

Desse modo, o ritmo é aqui um elemento extremamente relevante para o sentido de cada uma dessas partes, remetendo à fala, que também se organiza em blocos de sentido, blocos esses percebidos pela entonação e pela linha melódica .

Em Saramago, não se pode, pois, limitar a pontuação à sintaxe, sob pena de não se conseguir estabelecer o sentido.

*Além do seu nome próprio de José, o Sr. José também tem apelidos dos mais correntes, sem extravagâncias onomásticas, um do lado do pai, outro do lado da mãe, segundo o normal, legitimamente transmitidos, como poderíamos comprovar no registro de nascimento existente na Conservatória se a substância do caso justificasse o interesse e se o resultado da averiguação pagasse o trabalho de confirmar o que já se sabe.*

*No entanto, por algum desconhecido motivo, se é que decorre simplesmente da insignificância da personagem, quando Sr. José se lhe pergunta como se chama, ou quando as circuns - tâncias lhe exigem que se apresente, Sou Fulano de Tal, nunca lhe serviu de nada particular o nome completo, uma vez que os interlocutores só retêm na memória a primeira palavra dele. José, a que depois virão a acrescentar, ou não, depen - dendo do grau de confiança ou de cerimônia, a cortesia ou familiaridade do tratamento. Que, diga-se já, não vale o de senhor tanto quanto em princípio pareceria prometer, pelo menos aqui na Conservatória Geral, onde o facto de todos tratarem dessa maneira, desde o conservador ao mais recente dos auxiliares de escrita, não tem sempre o mesmo significado na prática das relações hierárquicas, podendo mesmo observar-se, nos modos de articular a breve palavra e segundo os diferentes escalões de autoridade ou os humores do momento, modulações tão distintas como sejam as da condescendência, da irritação, da ironia, do desdém, da humildade, da lisonja, o que mostra bem a que ponto podem chegar as potencialidades expressivas de duas curtíssimas emissões de voz que, à simples vista, assim reunidas, pareciam estar a dizer uma coisa só. (SARAMAGO: 1997: 19)*

O fragmento apresentado estabelece ruptura em relação ao padrão instituído. De um lado, a construção em bloco, tal como foi anteriormente citada, assemelhando-se à forma dos textos medievais; de outro, o uso especialmente escasso do ponto final. O texto não separa os períodos da maneira como normalmente se observa, mesmo quando o autor faz uso de períodos longos, com muitas orações subordinadas. Aqui, é possível

perceber que os recortes feitos pelos pontos finais remetem à organização de blocos de sentido, envolvendo orações relacionadas por um conteúdo comum. É como se o final de cada período só pudesse ser estabelecido a partir do conjunto de orações que o forma.

Desse modo, o ritmo é aqui um elemento extremamente relevante para o sentido de cada uma dessas partes, remetendo à fala, que também se organiza em blocos de sentido, blocos esses percebidos pela entonação e pela linha melódica.

Em Saramago, não se pode, pois, limitar a pontuação à sintaxe, sob pena de não se conseguir estabelecer o sentido.

Outro exemplo a considerar foi extraído de Heloísa Seixas.

*... Pensou de repente no avô. Era um homem engraçado. Muito falante, gostava de contar histórias (...) Coisas do mundo dos homens. Outro dia mesmo ele dissera uma frase engraçada. Que a História era como a vista cansada. Quanto mais se afasta, melhor se consegue enxergar. O menino não entendera direito, mas ficara com aquilo na cabeça. Era inteligente, seu avô. Gostava dele. Mas não sabia se concordava com isso de enxergar melhor à distância... (SEIXAS: 2003)*

O trecho acima apresentado foi extraído do conto *Miniatura*. Ao lê-lo, como se portaria um aluno acostumado a ver a pontuação como elemento estritamente sintático?

Muito provavelmente tal aluno apontaria vários “erros”: período iniciado pela conjunção que; vírgula separando sujeito de predicado; período iniciado por mas.

Desse modo, não estará ele apto a conceber a pontuação atrelada a tempo da memória, imagem do referente, tópico e comentário, frase fragmentária como recurso de expressividade, todos fatores determinantes das escolhas feitas.

Portanto, trabalhar com o aluno a Língua Portuguesa é dar a ele todas as oportunidades possíveis de modo a fazer dele um leitor e um autor proficientes. Para tanto, é necessário que a sala de aula seja um laboratório onde as mais diferentes experiências possam ocorrer, no sentido de atingir a abrangência pretendida com o estudo da língua. Nesse aspecto, o emprego dos sinais de pontuação deve ser extremamente valorizado, na medida em que importantes matizes traz ao texto, especialmente ao literário. Desse modo, não pode o estudo da pontuação prender-se ao padrão lógico-sintático estabelecido pela gramática. Ao contrário, outras formas de pontuar devem ser apresentadas, obedecendo aos aspectos rítmico-semânticos, por exemplo, no intuito de dar ao aluno condições de perceber nos sinais gráficos um instrumento primoroso na produção de sentido.

## Emprego dos Sinais de Pontuação

UOL - Michaelis

Há certos recursos da linguagem - *pausa, melodia, entonação* e até mesmo, *silêncio* - que só estão presentes na oralidade. Na linguagem escrita, para substituir tais recursos, usamos os *sinais de pontuação*. Estes são também usados para destacar palavras, expressões ou orações e esclarecer o sentido de frases, a fim de dissipar qualquer tipo de ambigüidade.

### 1. Vírgula

Emprega-se a vírgula (uma breve pausa):

a. para separar os elementos mencionados numa relação:

A nossa empresa está contratando engenheiros, economistas, analistas de sistemas e secretárias.

O apartamento tem três quartos, sala de visitas, sala de jantar, área de serviço e dois banheiros.

#### NOTA

Mesmo que o *e* venha repetido antes de cada um dos elementos da enumeração, a *vírgula* deve ser empregada:

Rodrigo estava nervoso. Andava pelos cantos, *e* gesticulava, *e* falava em voz alta, *e* ria, *e* roía as unhas.

b. para isolar o vocativo:

Cristina, desligue já esse telefone!

Por favor, Ricardo, venha até o meu gabinete.

c. para isolar o aposto:

Dona Sílvia, aquela mexeriqueira do quarto andar, ficou presa no elevador.

Rafael, o gênio da pintura italiana, nasceu em Urbino.

d. para isolar palavras e expressões explicativas (*a saber, por exemplo, isto é, ou melhor, aliás, além disso* etc.):

Gastamos R\$ 5.000,00 na reforma do apartamento, isto é, tudo o que tínhamos economizado durante anos.

Eles viajaram para a América do Norte, aliás, para o Canadá.

e. para isolar o adjunto adverbial antecipado:

Lá no sertão, as noites são escuras e perigosas.

Ontem à noite, fomos todos jantar fora.

f. para isolar elementos repetidos:

O palácio, o palácio está destruído.

Estão todos cansados, cansados de dar dó!

- g. para isolar, nas datas, o nome do lugar:  
São Paulo, 22 de maio de 1995.  
Roma, 13 de dezembro de 1995.
- h. para isolar os adjuntos adverbiais:  
A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.  
Os candidatos serão atendidos, das sete às onze, pelo próprio gerente.
- i. para isolar as orações coordenadas, exceto as introduzidas pela conjunção e:  
Ele já enganou várias pessoas, logo não é digno de confiança.  
Você pode usar o meu carro, mas tome muito cuidado ao dirigir.  
Não compareci ao trabalho ontem, pois estava doente.
- j. para indicar a elipse de um elemento da oração:  
Foi um grande escândalo. Às vezes gritava; outras, estrebuchava como um animal.  
Não se sabe ao certo. Paulo diz que ela se suicidou, a irmã, que foi um acidente.
- k. para separar o paralelismo de provérbios:  
Ladrão de tostão, ladrão de milhão.  
Ouvir cantar o galo, sem saber onde.
- l. após a saudação em correspondência (social e comercial):  
Com muito amor,  
Respeitosamente,
- m. para isolar as orações adjetivas explicativas:  
Marina, que é uma criatura maldosa, "puxou o tapete" de Juliana lá no trabalho.  
*Vidas Secas*, que é um romance contemporâneo, foi escrito por Graciliano Ramos.
- n. para isolar orações intercaladas:  
Não lhe posso garantir nada, respondi secamente.  
O filme, disse ele, é fantástico.

## 2. Ponto

Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o término de um frase declarativa de um período simples ou composto.

Desejo-lhe uma feliz viagem.

A casa, quase sempre fechada, parecia abandonada, no entanto tudo no seu interior era conservado com primor.

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas, por exemplo: fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia.

O ponto que é empregado para encerrar um texto escrito recebe o nome de *ponto final*.

### 3. Ponto-e-vírgula

Utiliza-se o ponto-e-vírgula para assinalar uma pausa maior do que a da vírgula, praticamente uma pausa intermediária entre o ponto e a vírgula.

#### **Geralmente, emprega-se o ponto-e-vírgula para:**

- a. separar orações coordenadas que tenham um certo sentido ou aquelas que já apresentam separação por vírgula:  
Criança, foi uma garota sapeca; moça, era inteligente e alegre; agora, mulher madura, tornou-se uma doidivanas.
- b. separar vários itens de uma enumeração:  
Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:  
I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;  
II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;  
III - pluralismo de idéias e de concepções, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;  
IV - gratuidade do ensino em estabelecimentos oficiais;  
.....  
(Constituição da República Federativa do Brasil)

### 4. Dois-pontos

Os dois-pontos são empregados para:

- a. uma enumeração:  
... Rubião recordou a sua entrada no escritório do Camacho, o modo porque falou: e daí tornou atrás, ao próprio ato.  
Estirado no gabinete, evocou a cena: o menino, o carro, os cavalos, o grito, o salto que deu, levado de um ímpeto irresistível...  
(Machado de Assis)
- b. uma citação:  
Visto que ela nada declarasse, o marido indagou:  
- Afinal, o que houve?
- c. um esclarecimento:  
Joana conseguira enfim realizar seu desejo maior: seduzir Pedro.  
Não porque o amasse, mas para magoar Lucila.

Observe que os dois-pontos são também usados na introdução de exemplos, notas ou observações.

*Parônimos* são vocábulos diferentes na significação e parecidos na forma. Exemplos: ratificar/retificar, censo/senso, descriminar/discriminar etc.

*Nota:* A preposição *per*, considerada arcaica, somente é usada na frase *de per si* (= cada um por sua vez, isoladamente).

*Observação:* Na linguagem coloquial pode-se aplicar o grau diminutivo a alguns advérbios: cedinho, longinho, melhorzinho, pouquinho etc.

## NOTA

A invocação em correspondência (social ou comercial) pode ser seguida de *dois-pontos* ou de *vírgula*:

Querida amiga:

Prezados senhores,

## 5. Ponto de interrogação

O ponto de interrogação é empregado para indicar uma pergunta direta, ainda que esta não exija resposta:

O criado pediu licença para entrar:

- O senhor não precisa de mim?
- Não obrigado. A que horas janta-se?
- Às cinco, se o senhor não der outra ordem.
- Bem.
- O senhor sai a passeio depois do jantar? de carro ou a cavalo?
- Não.

(José de Alencar)

## 6. Ponto de exclamação

O ponto de exclamação é empregado para marcar o fim de qualquer enunciado com entonação exclamativa, que normalmente exprime *admiração, surpresa, assombro, indignação etc.*

- Viva o meu príncipe! Sim, senhor... Eis aqui um comedouro muito compreensível e muito repousante, Jacinto!
    - Então janta, homem!
- (Eça de Queiroz)

-

## NOTA

O ponto de exclamação é também usado com interjeições e locuções interjetivas:  
Oh!

Valha-me Deus!

## 7. Reticências

As reticências são empregadas para:

a. assinalar interrupção do pensamento:

- Bem; eu retiro-me, que sou prudente. Levo a consciência de que fiz o meu dever. Mas o mundo saberá...

(Júlio Dinis)

b. indicar passos que são suprimidos de um texto:

O primeiro e crucial problema de lingüística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos... Considerava a lingüística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos...

(Mattoso Camara Jr.)

c. marcar aumento de emoção:

As palavras únicas de Teresa, em resposta àquela carta, significativa da turvação do infeliz, foram estas: "Morrerei, Simão, morrerei. Perdoa tu ao meu destino... Perdi-te... Bem sabes que sorte eu queria dar-te... e morro, porque não posso, nem poderei jamais resgatar-te. (Camilo Castelo Branco)

## 8. Aspas

As aspas são empregadas:

a. antes e depois de citações textuais:

Roulet afirma que "o gramático deveria descrever a língua em uso em nossa época, pois é dela que os alunos necessitam para a comunicação quotidiana".

b. para assinalar estrangeirismos, neologismos, gírias e expressões populares ou vulgares:

O "lobby" para que se mantenha a autorização de importação de pneus usados no Brasil está cada vez mais descarado. (Veja)

Na semana passada, o senador republicano Charles Grassley apresentou um projeto de lei que pretende "deletar" para sempre dos monitores de crianças e adolescentes as cenas consideradas obscenas. (Veja)

Popularidade no "xilindró"

Preso há dois anos, o prefeito de Rio Claro tem apoio da população e quer uma delegada para primeira-dama. (Veja)

Com a chegada da polícia, os três suspeitos "puxaram o carro" rapidamente.

c. para realçar uma palavra ou expressão:

Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro. Aquela "vertigem súbita" na vida financeira de Ricardo afastou-lhe os amigos dissimulados.

## 9. Travessão

Emprega-se o travessão para:

a. indicar a mudança de interlocutor no diálogo:

- Que gente é aquela, seu Alberto?
- São japoneses.
- Japoneses? E... é gente como nós?
- É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.

- Mas, então não são índios?  
(Ferreira de Castro)
- b. colocar em relevo certas palavras ou expressões:  
Maria José sempre muito generosa - sem ser artificial ou piegas - a perdoou sem restrições.  
Um grupo de turistas estrangeiros - todos muito ruidosos - invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.
- c. substituir a vírgula ou os dois pontos:  
Cruel, obscena, egoísta, imoral, indômita, eternamente selvagem, a arte é a superioridade humana - acima dos preceitos que se combatem, acima das religiões que passam, acima da ciência que se corrige; embriaga como a orgia e como o êxtase.  
(Raul Pompéia)
- d. ligar palavras ou grupos de palavras que formam um "conjunto" no enunciado:  
A ponte Rio-Niterói está sendo reformada.  
O triângulo Paris-Milão-Nova York está sendo ameaçado, no mundo da moda, pela ascensão dos estilistas do Japão.

## 10. Parênteses

Os parênteses são empregados para:

- a. destacar num texto qualquer explicação ou comentário:  
Todo signo lingüístico é formado de duas partes associadas e inseparáveis, isto é, o *significante* (unidade formada pela sucessão de fonemas) e o *significado* (conceito ou idéia).
- b. incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.):  
Mattoso Camara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.
- c. indicar marcações cênicas numa peça de teatro:  
Abelardo I - Que fim levou o americano?  
João - Decerto caiu no copo de uísque!  
Abelardo I - Vou salvá-lo. Até já!  
(sai pela direita)  
(Oswald de Andrade)
- d. isolar orações intercaladas com verbos declarativos, em substituição à vírgula e aos travessões:  
Afirma-se (não se prova) que é muito comum o recebimento de propina para que os carros apreendidos sejam liberados sem o recolhimento das multas.

## 11. Asterisco

O asterisco, sinal gráfico em forma de estrela, é um recurso empregado para:

- a. remissão a uma nota no pé da página ou no fim de um capítulo de um livro:

Ao analisarmos as palavras sorveteria, sapataria, confeitaria, leiteria e muitas outras que contêm o morfema preso\* *-aria* e seu alomorfe *-eria*, chegamos à conclusão de que este afixo está ligado a estabelecimento comercial. Em alguns contextos pode indicar atividades, como em: bruxaria, gritaria, patifaria etc.

\* É o morfema que não possui significação autônoma e sempre aparece ligado a outras palavras.

- b. substituição de um nome próprio que não se deseja mencionar:

O Dr.\* afirmou que a causa da infecção hospitalar na Casa de Saúde Municipal está ligada à falta de produtos adequados para assepsia.

**Material para ser explorado quanto a diferentes possibilidades de Pontuação a fim de se obter sentido lógico.**

a. *Deixo os meus bens à minha irmã não ao meu sobrinho jamais será paga a conta do alfaiate nada aos pobres*

---

---

---

---

---

---

---

---

b. Não atirem

---

---

---

c. Os políticos que foram cassados serão expulsos do país

---

---

---

d. Maria sua irmã seu irmão ficaram doentes

---

---

---

e. Não sou apaixonado por você

---

---

---

f. João enquanto toma banho quente sua mãe diz ele quer banho frio

---

---

---

g. Enquanto o padre pastava o burro rezava

---

---

---

**Material para ser explorado quanto a diferentes possibilidades de Pontuação a fim de se obter sentido lógico.**

a. *Deixo os meus bens à minha irmã não ao meu sobrinho jamais será paga a conta do alfaiate nada aos pobres*

1. Deixo os meus bens à minha irmã. Não ao meu sobrinho. Jamais será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres.

2. Deixo os meus bens à minha irmã? Não. Ao meu sobrinho. Jamais será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres.

3. Deixo os meus bens à minha irmã? Não. Ao meu sobrinho? Jamais. Será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres.

4. Deixo os meus bens à minha irmã? Não. Ao meu sobrinho? Jamais. Será paga a conta do alfaiate? Nada. Aos pobres.

b. Não atirem

1. Não, atirem!

2. Não atirem!

c. Os políticos que foram cassados serão expulsos do país

1. Os políticos, que foram cassados, serão expulsos do país. (Oração Sub. Adj. explicativa = todos os políticos foram cassados)

2. Os políticos que foram cassados serão expulsos do país. (Oração Sub. Adj. Restritiva = somente os políticos cassados...)

d. Maria sua irmã seu irmão ficaram doentes

1. Maria, sua irmão, seu irmãos ficaram doentes.

2. Maria, sua irmã (e), seu irmão ficaram doentes. (Maria= vocativo)

e. Não sou apaixonado por você

1. Não, sou apaixonado por você.

2. Não sou apaixonado por você.

f. João toma banho quente enquanto sua mãe diz ele quero banho frio

1. João toma banho quente enquanto sua (sua). - Mãe, diz ele, quero banho frio!

g. Enquanto o padre pastava o burro rezava

1. Enquanto o padre pastava o burro, (ele, o padre) rezava.

## Vestibular UNICAMP explora PONTUAÇÃO!

Em matéria recentemente publicada no Caderno Sinapse da Folha de São Paulo, é apresentada uma definição de *media training*: ensinar profissionais a lidarem com a imprensa e se saírem bem nas entrevistas. Na parte final da reportagem, o jornalista faz a seguinte ressalva:

*O “media training” não se restringe a corporações. A Universidade X distribui para seus profissionais uma cartilha com dicas para que professores e médicos possam ter um bom relacionamento com a imprensa. Ironicamente intitulado de “Corra que a Imprensa vem aí”, o manual aponta gafes cometidas e dá dicas sobre a melhor forma de atender um repórter.* (Adaptado de Vinícius Queiroz Galvão. Treinamento antigafe, Caderno Sinapse, 30/09/2003, p.32).

a) No trecho acima, as aspas são utilizadas em dois momentos diferentes. Transcreva as passagens entre aspas e explique o uso em cada uma delas.

b) Podemos relacionar o título da cartilha com o título em português da conhecida comédia norte-americana “Corra que a polícia vem aí”, que trata de um inspetor de polícia atrapalhado. Explícite os sentidos da palavra ‘correr’ nos títulos do filme e do manual.

### Respostas:

a) **“media training”**: as aspas são usadas, pois trata-se de um estrangeirismo; **“Corra que a Imprensa vem aí”**: trata-se do título da cartilha distribuída pela Universidade X.

b) Em **“Corra que a polícia vem aí”**, o verbo correr assume o sentido de fugir, escapar, retirar-se. Já em **“Corra que a imprensa vem aí”**, correr corresponde a preparar-se, cuidar.

### Comentários:

O assunto explorado na questão no. 1, item a, é Pontuação. Uma das funções mais importante da pontuação é tornar as orações e os períodos mais fáceis de ler. Toda frase mais ou menos longa deve merecer leitura atenta e repetida, para que a pontuação seja usada de modo correto.

## Bibliografia

- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BERARDINELLI, Cleonice. *Antologia do teatro de Gil Vicente*. Rio de Janeiro: Grifo, 1971.
- CAL, Ernesto Guerra da. *Lengua y estilo de Eça de Queiroz*. Universidade, 1954.
- CAMPEDELLI, Samira Yossef. *Ponto de Apoio em Sala de Aula*. Ed. Scipione. São Paulo. 1999.
- CARDOSO, Cancionila Janzkovski. *A socioconstrução do texto escrito: uma perspectiva longitudinal*. São Paulo: Mercado das Letras, 2003.
- COSERIU, Eugenio. *O homem e sua linguagem*. Rio de Janeiro: Presença, 1987.
- CUNHA, Celso. Regularidade e irregularidade na versificação do primeiro “Auto das Barcas” de Gil Vicente. In: *Língua e verso*. Lisboa: Sá da costa, 1984. (José Olympio. *O melhor da poesia brasileira*. Rio de Janeiro, 1979).
- POSSENTI, Sírio. *O Texto na Sala de Aula*. 3ª. edição. Ed. Ática. São Paulo. 2004.
- SACCONI, Luiz Antonio. *Gramática Essencial Ilustrada*. 18ª. edição. Atual Editora. São Paulo. 1999.
- SARAMAGO, José. *Todos os nomes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SEIXAS, Heloísa. “Miniatura”. *Domingo*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 13 de julho de 2003.
- UDEMO - Revista do Projeto Pedagógico 2004.
- VASCONCELOS, Celso dos S. Planejamento – Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico. 12ª. edição. Libertad. 2004.